

A Religião e seus privilégios: a representação da interação argumentativa em Mateus 4:5-7

Fagner Carvalho Silva*
Lucas Nascimento**

Resumo

O cristianismo é uma religião ocidentalizada, no entanto, encontramos as suas raízes no judaísmo, especificamente no judaísmo do segundo templo quando muitos textos foram produzidos. O presente estudo visa demonstrar a profícua contribuição da análise dialógica da argumentação como método de interpretação bíblica. Assim, prioriza-se a apresentação da noção de evento polêmico literário, a qual pode ser entendida como a simulação de uma polêmica entre duas personagens que representam posicionamentos antagônicos em um dado *cronotopo*. Analisaremos, para tanto, a segunda interação argumentativa entre as personagens Jesus e Diabo no evento polêmico literário da tentação de Jesus, materializado no Evangelho de Mateus 4:1-11.

Palavras-chave: Argumentação; Discurso; Evangelho de Mateus; Evento Polêmico; Retórica.

Religion and its privileges: the representation of argumentative interaction in Matthew 4:5-7

Abstract

Christianity is a Westernized religion, however we find its roots in Judaism, specifically in Second Temple Judaism when many texts were produced. The present study aims to demonstrate the fruitful contribution of the dialogical analysis of argumentation as a method of biblical interpretation. Thus, priority is given to the presentation of the notion of literary polemical event, which can be understood as the simulation of a polemic between two characters who represent antagonistic positions in a given chronotope. To this end, we will analyze the second argumentative interaction between the characters Jesus and the Devil in the controversial literary event of the temptation of Jesus, materialized in the Gospel of Matthew 4:1-11.

Keywords: Argumentation; Discourse; Gospel of Mathew; Polemical Event; Rhetoric.

* Universidade Estadual de Feira de Santana. carvalho.fagner@hotmail.com

** Universidade Estadual de Feira de Santana. lnsilva2@uefs.br

La religión y sus privilegios: La representación de la interacción argumentativa en Mateo 4:5-7

Resumen

El cristianismo es una religión occidentalizada, sin embargo, encontramos sus raíces en el judaísmo, específicamente en el judaísmo del Segundo Templo cuando se produjeron muchos textos. El presente estudio tiene como objetivo demostrar la fructífera contribución del análisis dialógico de la argumentación como método de interpretación bíblica. Así, se da prioridad a la presentación de la noción de acontecimiento polémico literario, que puede entenderse como la simulación de una polémica entre dos personajes que representan posiciones antagónicas en un cronotopo dado. Para ello, analizaremos la segunda interacción argumentativa entre los personajes Jesús y el Diablo en el evento polémico literario de la tentación de Jesús, materializado en el Evangelio de Mateo 4:1-11.

Palabras clave: Argumentación; Discurso; Evangelio de Mateo; Suceso polémico; Retórica.

Introdução

O cristianismo é uma religião que influenciou significativamente boa parte do mundo. Os textos produzidos pelas primeiras comunidades cristãs alcançaram-nos e contribuíram para a construção do imaginário de diversas sociedades. É difícil encontrarmos algum indivíduo que não conheça a história de Jesus e seu grande rival, o Diabo, no evento que ficou conhecido como “A tentação de Jesus”. Mesmo aqueles que nunca leram os Evangelhos, em algum momento, já ouviram um sermão ou já assistiram a um filme que trata sobre essas personagens e suas histórias. Por isso, analisar esses textos é de suma importância, não apenas para o fortalecimento dos Estudos Linguísticos, mas também para a análise de textos antigos e como eles contribuíram na construção da nossa sociedade.

O presente estudo visa apresentar a *Análise Dialógica da Argumentação*, metodologia proposta por Lucas Nascimento em sua tese de doutorado (2018), como um possível método de interpretação de textos bíblicos e, com um grande potencial para a análise de textos literários, sobretudo, os discursos veiculados pelas personagens nos eventos narrados.

Para isso, apresentaremos a análise dialógica da argumentação e sua profícua contribuição na análise de um texto bíblico sem, no entanto, desconsiderar os possíveis questionamentos que podem surgir quanto a sua eficácia na análise desses textos. Contextualizaremos o Evangelho de Mateus, enfatizando a polémica que o gerou e apresentaremos a noção de evento

polêmico literário, buscando diferenciá-lo de um evento polêmico, pois, no evento polêmico literário há representações de campos discursivos, um simulacro de uma polêmica que já perdeu o contato com a realidade imediata.

Por fim, faremos uma breve análise da segunda interação argumentativa entre as personagens Jesus e o Diabo no evento polêmico literário materializado em Mt 4:1-11, com o objetivo de apresentar as representações dos campos discursivos materializados no evento.

1. Análise Dialógica da Argumentação como método de interpretação bíblica

A *Análise Dialógica da Argumentação* é o encontro epistemológico entre o dialogismo bakhtiniano e a Nova Retórica proposta por Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca. Algumas considerações iniciais julgamos necessárias, pois proporemos, neste trabalho, a análise dialógica da argumentação como método de análise de textos bíblicos.

Em 2018, Lucas Nascimento defendeu a sua tese intitulada “*Análise Dialógica da Argumentação: a polêmica entre afetivossexuais reformistas e cristãos tradicionalistas no espaço público*”. Anteriormente, muitas aproximações entre o dialogismo bakhtiniano e a Nova Retórica foi proposta. Pesquisadores apontavam encontros e desencontros entre essas duas propostas teóricas que apesar de parecerem antagônicas, pois Bakhtin não tinha um interesse prioritário na argumentação, podem ser complementares.

Buscando uma complementação, o autor apresenta as contribuições de uma filosofia dialógica para os estudos retórico-argumentativos, estabelece um diálogo que tem como ponto de partida a Filosofia do Ato e caminha até a Nova Retórica, constituindo assim a *Análise Dialógica da Argumentação*. Essa proposta epistemológica visa propor e analisar a categoria de evento polêmico que é constituído tendo como ponto de partida os posicionamentos opostos de dois grupos, a saber, o afetivossexual reformista e o religioso tradicionalista.

Essa metodologia privilegia não apenas o acordo, mas o desacordo profundo, isto é, a polêmica. Ressaltamos que essa proposta foi desenvolvida para dar conta de um evento polêmico, noção que foi proposta como hipótese e retornaremos a ela mais adiante. O *corpus* analisado são duas audiências públicas da Comissão de Direitos Humanos do Senado Federal do Brasil. Nessas audiências foi discutido o Projeto de Lei da Câmara nº 122/2006 que propõe a criminalização da homofobia.

Quatro hipóteses foram construídas. A principal hipótese é que a polêmica “é um desacordo profundo que manifesta-se argumentativamente” (Nascimento, 2018, p. 199). A partir disso, decorre a segunda hipótese, a qual tem centralidade neste trabalho, a de que o evento polêmico é o “encontro de posicionamentos polêmicos, fundantes de dois campos discursivos antagônicos, responsáveis por atualizar entidades de outras polêmicas, ao disputarem os sentidos de um mesmo objeto do discurso em um dado *cronotopo*” (Nascimento, 2018, p. 204).

Nas polêmicas, os sujeitos se posicionam e argumentam, então, decorre a terceira hipótese: os atos polêmicos. Os atos polêmicos “são os acordos, os argumentos, as estratégias argumentativas e os posicionamentos mobilizados no processo argumentativo imantados pelo evento polêmico” (Nascimento, 2018, p. 209). A quarta hipótese é a noção de microato polêmico, que “pode ser uma palavra, uma expressão valorada ou energizada por uma polêmica. É um produto posto em ato, cujo sentido concreto se atualiza dependendo da posição do sujeito nos campos discursivos em disputa” (Nascimento, 2018, p. 211).

Na pesquisa desenvolvida por Nascimento não há uma atividade artístico-literária a ser analisada. Os posicionamentos polêmicos e os atos polêmicos analisados são ações dos sujeitos argumentantes, sujeitos esses que disputaram sentidos em torno do termo homofobia. Como o próprio autor destaca, a proposta está para ser desenvolvida. O inacabamento, inerente à atividade humana, precisa ser considerado. A Análise Dialógica da Argumentação apresenta potencial para diversas aplicações, inclusive como um possível método de análise de textos religiosos, sendo que, neste artigo, aplicaremos a um texto bíblico judaico-cristão.

Cabe destacar, prioritariamente, que a Bíblia é um livro da cultura. Ela não é propriedade exclusiva do cristianismo, muito menos das comunidades eclesíásticas. A Bíblia é uma das colunas do imaginário ocidental. A ideia de céu e inferno, por exemplo, presente no discurso do Ocidente, tem algumas de suas bases nas narrativas bíblicas e suas construções teológicas. Northrop Frye, importante crítico literário canadense, em sua famosa obra *The Great Code: The Bible and Literature* (1982), lançado em português com o título *O Código dos Códigos: a Bíblia e a Literatura*, analisa a influência da Bíblia na arte e literatura Ocidental, destacando que é um “estudo da Bíblia do ponto de vista de um crítico literário” (Frye, 1982, p. xi). Logo, não se trata de uma análise estritamente teológica.

Nos manuais de interpretação bíblica e nas abordagens, aos poucos, uma aproximação com as ciências da linguagem vai acontecendo. Porém, ainda existe forte resistência por parte de alguns pesquisadores, dos mais conservadores aos mais progressistas, principalmente por entenderem que algumas abordagens, entendidas como ‘pós-modernas’, abrem espaço para ‘qualquer tipo de leitura’. Sendo assim, as propostas que se aproximam dos estudos de linguagem mais atuais não possuem ‘prestígio’ em seminários e alguns Programas de Pós-Graduação.

Entre estudiosos do texto bíblico, por vezes, há um interesse voltado para a sacralidade das Escrituras e há também os que se interessam mais pela bíblia enquanto texto ou obra literária. Os que tomam a bíblia mais como objeto sacro, tendem a deixar em segundo plano os elementos retóricos e discursivos, isso quando abordados. Ainda há um problema significativo: a predominância de uma falsa percepção de que os textos não são construções de novos mundos, mas um reflexo preciso, embora simbólico dos mundos oriundos das comunidades geradoras.

Alguns professores (pesquisadores) utilizam determinadas obras em suas aulas e escritos e as indicam como obras de referência por entenderem que, apesar de serem robustas, são ortodoxas. A exemplo disso, em 2009, é lançada aqui no Brasil, a obra *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*, do teólogo americano Grant R. Osborne. No entanto, apesar de ser uma produção literária que é apresentada como uma nova abordagem, preza excessivamente pela estrutura do texto, embora haja o reconhecimento da dificuldade em abordar os gêneros, por exemplo.

No mesmo ano, outra obra de referência é lançada: *Metodologia de Exegese Bíblica*, do professor Cássio Murilo Dias da Silva. Na apresentação da obra, Milton Schwantes afirma que o leitor tem em mãos um verdadeiro manual de exegese que se preocupa, também, com questões hermenêuticas. *Metodologia de Exegese Bíblica* é uma das mais importantes obras lançadas no Brasil e, como afirma o autor, o livro visa provocar a quem nele se aventura. Importante destacar que o autor realça que o termo “nova” deve ser posto entre aspas. Isso, pois algumas abordagens propostas já eram centenárias, porém, o novo caberia a aqueles que estavam tendo o primeiro contato com elas. Vinte anos depois, uma nova versão do manual foi lançada, a chamada versão 2.0 (2022).

Interessante é que no ano 2007 foi lançada a obra *Manual de Exegese*, do exegeta Júlio Zabatiero. A obra não gerou significativo impacto nos

seminários teológicos. No entanto, mesmo sem a recepção acalorada recebida pela *A Espiral Hermenêutica*, do Osborne, a obra do Júlio Zabatiero é o que podemos chamar de “nova abordagem”. O autor propõe a interpretação da Bíblia sob a perspectiva *sêmio-discursiva*. A recepção não acalorada deve-se muito à ideia de que esse tipo de proposta não possui o rigor necessário para lidar com o texto bíblico. Em parceria com João Leonel, Zabatiero retoma (ou reapresenta) a proposta no livro *Bíblia, Literatura e Linguagem*. A obra está dividida em duas partes. Na primeira parte, João Leonel faz uma aproximação entre a Bíblia e a Teoria Literária. Na segunda parte, Zabatiero faz uma aproximação entre Bíblia e Semiótica.

O caminho percorrido é teoricamente rigoroso, passando pela enunciação em Benveniste e Bakhtin e a Semiótica Greimasiana. Após apresentar as teorias e as possibilidades metodológicas o autor faz uma breve análise de um texto do Novo Testamento. Tal proposta, mesmo podendo ser vista como nova, não foi bem recebida.

Talvez, por esse motivo, a obra *Há um significado neste texto? Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos*, de Kevin Vanhoozer, tenha sido ‘redescoberta’. O enorme sucesso que a obra ainda desfruta deve-se principalmente às críticas que o autor faz às abordagens ‘contemporâneas’¹ e o seu compromisso com a reforma. Fica evidente que o sucesso ou fracasso de determinadas abordagens está diretamente ligada ao compromisso (ou falta dele) com o dogma. Se a relação entre a proposta metodológica e o dogma for assimétrica, certamente não será bem recebido no campo religioso conservador, e em alguns casos, progressistas.

É necessário destacar que as aproximações entre biblistas e cientistas da linguagem cresceram nos últimos anos. Cresceu o interesse entre pesquisadoras e pesquisadores em uma área que ficou conhecida como *Linguagens da Religião*². Alguns Programas, principalmente ou quase totalmente em Ciências da(s) Religião(ões), possuem linhas de pesquisa que desenvolvem trabalhos nesse campo. Propostas com bases epistemológicas diferentes surgem, percebe-se o início real de mudança nas abordagens dos textos religiosos³ e, especificamente, dos textos bíblicos. Ressaltamos, porém, que

¹ No Brasil a obra foi lançada em 2005.

² Paulo Nogueira em seu artigo intitulado “*Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo*” (2016), propõe uma articulação para essa área de estudos.

³ Em 2019 foi publicado o artigo “*O conceito de texto, contexto e de leitor na interpretação de textos religiosos: o caso da literatura bíblica*” cuja autoria é do professor Paulo Augusto de Souza Nogueira. O autor, reconhecendo a complexidade dos textos religiosos, em especial os textos bíblicos, propõe uma abordagem que dialogue com a semiótica da cultura, estudos discursivos e estética da recepção.

esse início ainda é tímido e necessita de um fortalecimento. Os cientistas da linguagem são fundamentais nesse processo e este artigo insere-se nesse labor.

Apresentar a *Análise Dialógica da Argumentação* como um possível método de interpretação de textos bíblicos é uma tentativa de fortalecer os estudos sobre Linguagem e Religião. É analisar como mundos literários são construídos no centro de polêmicas próprias das comunidades religiosas cristãs no primeiro século e como os discursos são veiculados por personagens bíblicos. Não é uma substituição da exegese e/ou da hermenêutica. É uma soma. Entretanto, cabe destacar que o trabalho de exegeta já vem sendo questionado:

O trabalho do exegeta apenas se inicia no estudo da composição do texto [...]. Depois do estudo da gênese do texto, ele deve persegui-lo em sua história de releituras e em sua atividade incessante de criação de novos textos na cultura. Se adotarmos os pressupostos de Lotman (da distância cultural) e de Bakhtin (de distância na temporalidade), o perfil de nossa área de estudos deveria ser o de crítica da cultura e das interpretações, de observar o texto bíblico gerando sentido nos limites de sua linguagem e de sua historicidade. A consideração deste alcance do texto bíblico como texto na cultura e na história deveria nos obrigar a redimensionar o papel da exegese, de lhe ampliar os horizontes, de nos tirar da zona de conforto dos limites do canônico e do tempo da redação (Nogueira, 2012, p. 30).

Para além das possibilidades de discussão sobre a proposta do Paulo Nogueira, fica evidente a necessidade de novos olhares, ou a ampliação do olhar⁴.

2. O Judaísmo Formativo

Assim como é seguro afirmar que nunca existiu apenas um cristianismo, a afirmação de que nunca existiu apenas um judaísmo não só é segura, como é também necessária. A história de Israel do período bíblico é fonte de muitos debates. Há quem defenda a historicidade da Bíblia Hebraica, no entanto, há fortes indícios de que a história de Israel do período bíblico é uma longa construção literária que mescla Teologia e ideais de nação⁵ (Finkelstein, 2015).

⁴ Em 2020 foi lançada a obra “*Comunicação e pragmática na exegese bíblica*” pela editora Paulinas. Importante contribuição que discute questões epistemológicas da interpretação bíblica e dialoga intensamente com as ciências da linguagem.

⁵ Em português, importantes obras foram publicadas. Uma das mais importantes é o livro “*O reino esquecido: Arqueologia e história de Israel Norte*”, do arqueólogo Israel Finkelstein, de 2015.

Mesmo com tantos debates orbitando a Bíblia Hebraica, é unanimidade entre os pesquisadores a mudança radical que ocorreu no judaísmo após a queda de Jerusalém, em 587 a.C., quando a Babilônia invadiu a cidade, saqueou e levou parte da população. Tal acontecimento ficou conhecido como “exílio babilônico”. Foi nesse momento da história do povo judeu que ocorreu as principais mudanças e inserções em sua religião. Até o exílio, os judeus não acreditavam em uma força contrária a Deus. Sendo Deus todo poderoso, nada nem ninguém poderiam medir força com ele.

No entanto, era necessário explicar o fato de que catástrofes ocorriam rotineiramente entre o povo e a crença de que não existe nada entre Deus e a humanidade foi reformulada. Duas respostas foram desenvolvidas. De acordo com a primeira, as catástrofes são fruto do pecado humano, logo, Deus não é o culpado. A segunda, influenciada pelo imaginário babilônico, é de que existem forças que tentam opor-se a Deus gerando um grande conflito, assim, “a assimilação do conceito de uma força negativa contrária a Deus é um exemplo claro de sincretismo religioso ocasionado pelo exílio babilônico” (Martins, 2018, p. 74).

Não só a Babilônia exerceu forte influência no imaginário religioso judeu. Durante a reconstrução do templo, período de dominação persa, o zoroastrismo influenciou significativamente a religião judaica e posteriormente a cristã. Os judeus não acreditavam em vida após a morte como os cristãos acreditam. Dualismos como céu e inferno, Deus e Satanás, são categorias teológicas encontradas em textos bíblicos, porém, todas originadas no zoroastrismo. Jaziel Martins destaca que “foi do zoroastrismo que os judeus aprenderam a crença em um *Abriman*, um diabo pessoal, que, em hebraico eles chamaram de *Satan*” (Martins, 2018, p. 75).

Esse longo movimento sincrético foi fundamental no processo de reconstrução religiosa de Israel, assim como, na construção de respostas imediatas que o povo, principalmente os mais necessitados, precisava. Isso não significa que o imaginário anterior desapareceu por completo. Variadas circunstâncias históricas pós-exílio babilônico, a influência helênica e a ascensão do Império Romano, por exemplo, contribuíram para o desenvolvimento do que ficou conhecido como judaísmo do segundo templo. No entanto, tais circunstâncias e a evidente separação entre a elite e os grupos subalternos, contribuíram também para o desenvolvimento de grupos sectários.

No período em que Jesus disseminou a sua mensagem⁶ quatro grandes grupos (partidos) religiosos se destacavam: Saduceus, Essênios, Zelotes⁷ e Fariseus. As revoltas eram constantes e a tensão dominava o povo judeu. Geza Vermes destaca que “no século I, as circunstâncias não eram normais. Uma febre escatológica e político-religiosa estava sempre próxima do ponto de irrupção, se já não tivesse explodido, e a Galileia era uma estufa de fermento revolucionário” (Vermes, 2015, p. 20). Existiam conflitos entre os grupos judeus, assim como conflitos entre revolucionários judeus e as tropas romanas. A figura do Messias era central nesse período. A “febre escatológica” destacada por Vermes está diretamente ligada à figura do Messias que, para o povo, seria o líder que o guiaria em direção à vitória. Jesus aparece como um possível candidato. A sua mensagem não foi bem recebida por alguns grupos judeus, “ele se dirigiu às pessoas do campo. Foi aí que encontrou ressonância” (Theissen; Merz, 2015, p. 187).

Após a morte de Jesus, os primeiros cristãos começaram a desenvolver teologias como forma de respostas às questões sobre a natureza do Cristo. Nas cartas do apóstolo Paulo, selecionadas para compor o Novo Testamento, é perceptível os debates existentes nas primeiras comunidades. Na carta aos Hebreus, cuja autoria é desconhecida, e na segunda carta atribuída ao apóstolo Pedro, ambas canônicas, o debate sobre a relação entre a natureza de Jesus e a tradição angelomórfica é latente. Mesmo com a efervescência dos debates sobre a natureza de Jesus, os primeiros cristãos acreditavam fielmente que ele era o escolhido de Deus e verdadeiro intérprete⁸ da *Torá*⁹.

O Templo de Jerusalém foi destruído novamente, em 70 d.C., ocasionando uma série de novas mudanças no judaísmo, pois “o Templo constituía a estrutura social e cósmica da sociedade israelita. Uma nova síntese

⁶ A chegada do Reino de Deus (βασιλεία τοῦ θεοῦ). Reino de igualdade.

⁷ Entre os 12 apóstolos existia um Zelote, Simão (Mateus 10:4). Partido nacionalista que lutava contra a dependência de Roma. Existe um forte debate sobre o “sobrenome” de Judas, conhecido como “o traidor”. No texto grego ele é apresentado como Ἰούδας ὁ Ἰσκαριώτης (Judas Iscariotes). O termo Ἰσκαριώτης é de origem hebraica e pode ser traduzido como “homens de Keriote”. Alguns pesquisadores propõem a idéia de “homem da adaga”. Ele faria parte, então, do grupo Zelote, o que explicaria a sua traição. Geza Vermes enfatiza o provável compromisso de alguns seguidores de Jesus com a causa Zelote (Vermes, 2015, p.20).

⁸ Em João 1:18 Jesus é apresentado como aquele que ensina sobre as coisas de Deus (ἐξηγέομαι). Na literatura grega o termo é empregado para a interpretação de coisas sagradas.

⁹ A Lei. Os cinco primeiros livros da Bíblia Hebraica.

religiosa-cultural era agora necessária para que o judaísmo sobrevivesse” (Overman, 2020, p. 45). Essa síntese é o chamado judaísmo formativo. O grupo dos fariseus ganha destaque e exerce maior influência, por isso Konings (2005) afirma que o judaísmo formativo era um movimento de “inspiração farisaica”. Isso ocorre, pois os fariseus já haviam organizado uma vida religiosa com maior independência do Templo. Overman (2020, p. 46) destaca que “os fariseus já haviam formulado um programa hermenêutico baseado em sua aplicação da *Torá* e, de acordo com nossas fontes, pareciam desfrutar o apoio do povo”.

O chamado cristianismo primitivo era visto como uma seita (Josefo, 2017) que tinha como principal líder Jesus que deturpava a *Torá*. As comunidades cristãs entendiam o inverso. Para essas comunidades, Jesus era o verdadeiro intérprete da *Torá*, e os integrantes desse novo movimento, em especial os fariseus, eram aqueles que deturpavam a *Lei*. É nesse caos religioso e social que surge o Evangelho de Mateus, uma resposta à comunidade.

No Evangelho Mateano, os fariseus são apresentados como os grandes oponentes de Jesus. Intensos debates sobre ressurreição, guarda do sábado e mandamentos são narrados, sendo que, a personagem Jesus veicula o discurso da comunidade de Mateus, formada por pobres e trabalhadores braçais. Em um famoso episódio em Mateus 12, Jesus e seus discípulos, durante uma viagem, passaram por uma seara. O narrador enfatiza que os discípulos tiveram fome e começaram a colher espigas. Os fariseus, vendo a colheita dos discípulos, questionaram, pois era um sábado, e a descrição desse grupo no texto os mostra mais severos que os rabinos em geral¹⁰. A personagem Jesus responde: “- Não lestes¹¹ o que fez Davi e os seus quando tiveram fome¹²?”.

Jesus é apresentado como aquele que conhece acuradamente a história de Israel narrada pela Bíblia Hebraica e as interpreta corretamente. Tal interpretação privilegia o povo, pois a história que a personagem Jesus faz alusão é uma narrativa que está no Primeiro livro de Samuel 21:6. Davi, durante uma fuga, encontra-se com o sacerdote Aimeleque e, faminto, pede pão. O sacerdote informa que não há pão, apenas o sagrado, destinado aos sacerdotes. Não havendo outro pão, Davi come o pão dos sacerdotes. Pecado

¹⁰ Historicamente os sábios rabínicos não eram tão rígidos, tendo, inclusive, 39 tarefas básicas que eram permitidas, de acordo com a Mishná. Para maiores detalhes, ver Carneiro, 2016, p.151ss.

¹¹ ἀναγινώσκω: conhecer acuradamente; ler; reconhecer.

¹² Πεινάω: ter fome; faminto; passar necessidade.

não é comer o que é destinado aos sacerdotes, pecado é manter o povo faminto, enquanto os sacerdotes comem bem.

O Evangelho de Mateus, portanto, é uma tentativa de defesa da comunidade Mateana. Uma resposta aos questionamentos teológicos que agitavam os primeiros cristãos e um reflexo do “processo de vir a ser” (Overman, 2020, p. 14).

3. Evento Polêmico Literário

Bakhtin ao falar sobre os gêneros discursivos (enunciados) faz uma distinção entre dois tipos. O primeiro, gênero primário, é o tipo simples, aquele que se pode “encontrar” no dia-a-dia, como por exemplo, um diálogo ou uma carta. O segundo, gênero secundário, é o tipo complexo. É o gênero constituído complexamente como, por exemplo, uma produção científica ou um texto ficcional. O interessante é que, segundo o autor, o primeiro é integrado no segundo. Quando tal processo ocorre, o primeiro tipo é reelaborado e inserido à realidade não mais como um gênero do cotidiano, mas como um acontecimento estético literário (Bakhtin, 2016). Segundo Irene Machado, “trata-se de uma distinção que dimensiona as esferas de uso da linguagem em processo dialógico-interativa” (2020, p. 155).

Nessa base, será proposta a noção de “evento polêmico literário”, pois a tentação de Jesus como acontecimento da vida cotidiana já não existe. Cabe lembrar que uma das grandes discussões entre biblistas e teólogos é a possibilidade de estudar o texto bíblico como um reflexo da realidade. Mesmo existindo trabalhos significativos no campo dos estudos bíblicos que tentam aproximar-se das ciências da linguagem, ainda é forte a ideia de que o texto bíblico espelha a realidade de um dado período histórico.

Autores que dialogam com as teorias do texto e do discurso, em suas análises dos textos bíblicos, sofrem resistência por parte daqueles que entendem que uma análise fora dos eixos exegéticos tradicionais é o mesmo que fazer com que o texto diga qualquer coisa. No entanto, mesmo havendo uma mudança significativa nas análises de textos religiosos¹³, as aproximações tradicionais que focam excessivamente em contextos e gramática, perdem

¹³ Em nível de exemplo, cito duas obras organizadas pelo professor Paulo Augusto de Souza Nogueira: *Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares* (2015) e *Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais* (2012). Nessas obras, pesquisadores de renomadas instituições brasileiras nos apresentam diálogos entre os estudos de religião e estudos de linguagem como Semiótica, Análise do Discurso e Teoria Literária.

em potência ao não considerarem as dinâmicas discursivas e argumentativas presentes nas materialidades bíblicas que são fundamentais no processo de construção de sentido.

Abordar a Bíblia não como um tratado científico, mas como um conjunto de discursos que dialogam com outros discursos é um ganho não apenas no campo dos estudos sobre religião, mas, principalmente, no campo dos estudos de linguagem, visto que a linguagem religiosa está presente em diversos campos e atravessa diversos discursos, desde os discursos pseudocientíficos – como é o discurso terraplanista – até os discursos políticos. Ressaltamos que analisar as relações discursivas no campo da religião é também analisar as dinâmicas das sociedades na Antiguidade e Contemporaneidade. Não é investigar a realidade das coisas, uma vez que “[...] o discurso não opera sobre a realidade das coisas, mas sobre outros discursos” (Fiorin, 2005, p. 219), mas entender como os sentidos são construídos e guiam as ações de diversas comunidades religiosas ou não.

Mesmo com todos os esforços entre alguns biblistas e exegetas de aproximarem-se do chamado contexto histórico na busca pelo “sentido original”, qualquer evento descrito nos livros bíblicos é inserido na realidade como acontecimento artístico-literário. Dizer que existe uma inserção na realidade como acontecimento artístico-literário significa uma reelaboração valorativa do acontecimento, e não uma negação de uma factualidade. Um novo mundo é construído tendo como base os valores que são evidenciados pelos elementos linguísticos retoricamente organizados. Na tentação há a veiculação de dois discursos que instauram uma polêmica que perpassa todo o Evangelho de Mateus, desse modo, temos a simulação de um evento polêmico. Como já dito, Nascimento defende que o evento polêmico é “o encontro de posicionamentos polêmicos, fundantes de dois campos discursivos antagônicos, responsáveis por atualizar entidades de outras polêmicas [...]” (Nascimento, 2018, p. 204).

Adotaremos essa noção aplicando-a ao evento da tentação, porém, não mais como um evento gerador de fatos que ocorrem em um dado tempo e lugar, mas como uma reelaboração valorativa. A compreensão de que a tentação em Mateus é uma reformulação artístico-literária de um acontecimento leva-nos a propor uma distinção entre evento polêmico e evento polêmico literário. Sobral (2020) destaca que o conceito de evento perpassa todo o texto sobre a Filosofia do Ato e o define como “o processo de irrupção de entidades, ou objetos, no plano histórico concreto (*geschichtlich*),

como a presentificação, ou apresentação, dos seres à consciência viva, isto é, situada no concreto” (Sobral, 2020, p. 26). Assim, o evento é originador do atividade-tipo (produto) e do ato-atividade (processo). É essa perspectiva dialógica de evento que Nascimento (2018) adota ao desenvolver a hipótese de um evento polêmico, um “ato abarcador, uma espécie de macro ato [...]” (Nascimento, 2018, p. 206).

Como exemplo, o autor apresenta o evento como “um ato que abarca todos os atos das atividades da vida de um homem, perfazendo-se no diálogo intenso que é a vida, cujos silêncios fundamentais do nascer e do morrer fazem parte da sua constituição” (Nascimento, 2018, p. 206). Nascimento (2019) realça o seu posicionamento ao ementar a noção de ato ético discutida por Bakhtin em *Para uma filosofia do ato responsável*. Bakhtin ocupa-se com a reflexão sobre a cisão entre o mundo da vida e o mundo teórico, consequência das perspectivas transcendental e idealista.

O filósofo russo acredita que a unidade entre o mundo da vida e o mundo teórico está no *postupok*, ato-façonha de um sujeito que é único, responsivo e responsável. Assim, Bakhtin desenvolve uma caminhada em busca da unidade entre o sensível e o inteligível, universal e particular, o que remete ao conteúdo-sentido e ao sensível (Nascimento, 2019, p. 9). Ainda amparando o seu posicionamento, Nascimento destaca uma posição epistemológica valiosa de Bakhtin. A unidade do ato origina-se da relação dialética entre o sensível e o inteligível. Logo “nem o inteligível, nem o sensível pode, separadamente, ser tomado como o todo, como o ato completo, uma vez que eles são apenas momentos distintos do ato” (Nascimento, 2019, p. 9). Destaca então que podemos lidar com o ato a partir da descrição fenomenológica inspirada em Husserl. No entanto,

esse importante filósofo alemão estava ainda preso ao idealismo, mas Bakhtin (2010) prefere ir além e olhar para o aspecto concreto, por assim dizer, contextual e situacional da descrição do ato, o que remete a um sujeito situado, *hic et nunc*, no aqui no agora. Nesse mesmo sentido, uma análise dialógica da argumentação é uma descrição participante (Nascimento, 2019, p. 9).

Nascimento constrói uma enraizada base para construir a noção de evento polêmico e, mesmo possibilitando o desenvolvimento de vertentes da noção, o foco é em um evento polêmico que evidencia um gênero primário e as três características postas pelo autor salientam isso:

A noção de evento polêmico diz respeito a três características que devem ser observadas: primeira, há um encontro hostil de dois posicionamentos sobre um mesmo objeto, formante de uma polarização em dois campos discursivos antagônicos, resultado da manifestação de um ódio velado aos valores do outro; segunda característica, há uma maneira divergente entre os campos de hierarquizar os valores e posicionamentos em cada campo; terceira, há uma atualização de entidades geradas por outras polêmicas, passíveis de serem identificadas, porque há nelas um caráter reciclável e migratório, fazendo com que seja possível observar certa memória polêmica a se atualizar e a contribuir na constituição dos sentidos e na perpetuação do dissenso (Nascimento, 2018, p. 206-207).

As três características surgem a partir de um caminho teórico-metodológico que visa a análise de um *corpus*. Uma análise bakhtiniana exige isso. Um olhar a partir do *corpus* e não apenas uma aplicação de conceitos. Bakhtin, por exemplo, desenvolve o conceito de polifonia ao analisar a obra de Dostoiévski, isto é, não houve o desenvolvimento conceitual *a priori* para que fosse aplicado a um *corpus* a ser analisado. O *corpus* aqui selecionado exige um olhar diferente, visto que, é um novo mundo sendo criado a partir de bases históricas.

Assim, será proposto a noção de evento polêmico literário que pode ser entendido como “a simulação de uma polêmica em que discursos são veiculados por personagens representantes de posicionamentos antagônicos em um dado *cronotopo*” (Silva, 2023, p. 57). Seguindo as reflexões bakhtinianas em que uma unidade textual, ou uma obra como um todo podem ser consideradas enunciados, adotaremos a narrativa da tentação como enunciado e o autor-criador como sujeito do discurso, sujeito argumentante.

Bakhtin destaca que a alternância dos sujeitos do discurso e a *conclusibilidade* são duas peculiaridades constitutivas do enunciado. A alternância dos sujeitos do discurso, de acordo ao filósofo russo, emoldura o enunciado e o diferencia dos enunciados a ele vinculado e a *conclusibilidade* do enunciado “é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso” (Bakhtin, 2016, p. 35).

O filósofo afirma que essa alternância pode ocorrer porque o falante (autor) disse (escreveu) tudo o que quis dizer em um dado momento. Um critério de *conclusibilidade* é a possibilidade de responder a ele. Assim, é coerente adotar a alternância de sujeitos e a *conclusibilidade* como critérios de delimitação e análise do evento polêmico literário. Propomos ainda um terceiro critério, os atos polêmicos.

Os atos polêmicos são “os acordos, os argumentos, as estratégias argumentativas e os posicionamentos mobilizadas no processo argumentativo imantados pelo evento polêmico” (Nascimento, 2018, p. 209). Nascimento destaca que o evento polêmico é constituído de atos polêmicos. Os sujeitos partícipes do evento polêmico materializam os atos polêmicos visando argumentar em torno de um posicionamento central. Cabe ressaltar que, segundo o autor, o próprio posicionamento é um ato polêmico.

Ao considerarmos o acontecimento inserido na realidade como um acontecimento artístico-literário, já não é possível falarmos do posicionamento de entidades no plano histórico, mas, do recorte valorativo do autor-pessoa. A criação e acabamento de um evento polêmico literário já são em si um ato polêmico e os elementos presentes nesse evento estético, tais como, os argumentos levantados pelas personagens, as palavras selecionadas e as estratégias retóricas são *atos polêmicos literários* que constitui o ato polêmico da criação literária.

A concepção de *atos polêmicos literários* surge, pois não se trata dos enunciados dos sujeitos argumentantes, mas das estratégias do autor-criador na construção do mundo axiológico, mundo esse que tomaremos como enunciado. Assim, é possível a identificação da tentação de Jesus em Mateus como um evento polêmico literário, pois há alternância de sujeitos do discurso, *conclusibilidade* que nos permite uma compreensão responsiva e atos polêmicos.

O autor-criador tem papel imprescindível nesse processo. O evento polêmico estético-literário é uma reformulação valorativa, ou seja, a inserção estética de um acontecimento na realidade. Logo, esse processo está “nas mãos” do autor-criador, ele é o construtor e guia desse evento estético. Essa reformulação é o que se pode chamar de gênero secundário e o autor-criador torna-se uma ponte entre o gênero primário e secundário. Cabe destacar que Bakhtin afirma que os gêneros secundários “surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado” (Bakhtin, 2016, p. 15). Nesse processo, diversos gêneros primários são incorporados e reelaborados perdendo assim, o contato com a realidade imediata. Agora eles compõem um novo mundo, mundo axiologicamente construído pelo autor-criador.

Muitas são as discussões sobre a autoria do Evangelho de Mateus. No entanto, cabe destacar que as discussões se baseiam na busca pelo autor-pessoa. Bakhtin já advertira sobre a confusão entre os elementos autor-criador e autor-pessoa. O autor-criador é um elemento da obra, já o autor-pessoa

é um elemento do acontecimento ético e social da vida (Bakhtin, 2011, p. 9). Sendo assim, a exegese e a hermenêutica (bíblica), como já supracitado, perdem em potência de análise quando focam na busca de um autor-pessoa que não se constitui como elemento da obra, principalmente quando estamos diante de uma materialidade de dois mil anos.

Carlos Alberto Faraco ao falar sobre o autor-criador, afirma que esse elemento “é, para Bakhtin, um constituinte do objeto estético (um elemento imanente ao todo artístico) – mais precisamente, aquele constituinte que dá forma ao objeto estético, o pivô que sustenta a unidade do todo esteticamente consumado” (Faraco, 2020, p. 37). O autor-criador figura o objeto estético tendo como base os valores que por ele são amados. Diante do ensejo, reafirmamos que ao pensarmos o autor-criador como aquele que dá forma ao objeto estético, é possível tomarmos esse elemento como um tipo de ponte entre os gêneros secundários e primários.

É o autor-criador que insere e reelabora os gêneros primários e reintegra-os à realidade como acontecimento artístico-literário. Há, nessa relação entre criador e criação, uma característica fundamental que perpassa toda construção de sentido no mundo a ser construído. Bakhtin destaca que o que é acontecimento e tem significado é a relação entre o autor e o herói e elucida que:

Deste modo se define a posição do autor, portador do ato da visão artística e da criação no acontecimento do existir, único ponto que, em linhas gerais, qualquer criação pode ser ponderável em termos sérios, significativos e responsáveis. O autor ocupa uma posição responsável no acontecimento do existir, opera com elementos desse acontecimento e por isso a sua obra é também um momento desse acontecimento (Bakhtin, 2011, p. 175-176).

É a partir dessa relação, fundamentada axiologicamente, que os elementos que orbitam o autor e o herói são selecionados e organizados construindo assim, no mundo e no tempo literário, uma jornada. Sobre essa relação, dando destaque ao autor-criador, Faraco destaca que:

Ele é entendido fundamentalmente como uma posição estético-formal cuja característica básica está em materializar certa relação axiológica com o herói e seu mundo: ele os olha com simpatia ou antipatia, distância ou proximidade, reverência ou crítica, gravidade ou deboche, aplauso ou sarcasmo, alegria ou amargura, generosidade ou crueldade, júbilo ou melancolia, e assim por diante (Faraco, 2020 p. 38).

Numa perspectiva dialógica, o autor-criador do Evangelho de Mateus materializa uma relação axiológica com o seu herói, Jesus, que, por exemplo, é realçada já no primeiro versículo da tentação. O autor-criador guia o olhar do leitor direcionando-o a dois aspectos do seu herói: a sua natureza e a sua autoridade. Esses aspectos são considerados fundamentais, pelo autor-criador, na construção do discurso presente no evento polêmico literário da tentação.

O autor-criador apresenta o seu herói como um ser divino e com autoridade, (Silva, 2023) marcando o seu posicionamento não só diante dos debates que orbitavam a interpretação da *Torá*, mas também dos conflitos entre as comunidades cristãs do primeiro século (Silva, 2023). A forma como o autor-criador olha para o seu herói, guia o leitor em sua empreitada no mundo axiologicamente criado. O posicionamento assumido por ele, posicionamento valorativo, segundo Faraco (2020), o entrega a força necessária para construir o todo. Todo esse que, pensado a partir do *corpus* aqui analisado, será chamado de evento polêmico literário. Essa força é o ponto de partida da criação não só do herói, mas, do mundo que o cerca e, dessa forma, o acabamento estético de ambos.

A composição e a linguagem adotada pelo autor-criador são resultados do posicionamento axiológico. Ao empregar a organização sintática da gramática hebraica e ao escolher determinados conectivos como $\upsilon\pi\delta$, o autor-criador não só deixa a sua marca linguística no objeto estético como, e principalmente, deixa a sua marca valorativa, a sua visão sobre o herói e o mundo a ser construído (Silva, 2023).

Não se trata de um embate realidade *versus* ficção, mas uma retroalimentação que sustenta ambos os mundos. Os mundos criados pelos autores bíblicos não anulam os traços históricos dos relatos, mas, atestam os valores e o olhar socialmente posicionado do autor-criador que é um elemento que funciona como uma espécie de representante da comunidade em ele está inserido. Ainda ao falar sobre o ato artístico, Faraco destaca que:

No ato artístico especificamente, a realidade vivida (já em si atravessada por diferentes valorações sociais porque a vida se dá num complexo caldo axiológico) é transposta para um outro plano axiológico (o plano da obra): o ato estético opera sobre sistemas de valores e cria novos sistemas de valores. No ato artístico, aspectos do plano da vida são destacados (isolados) de sua eventicidade, são organizados de um modo novo, subordinados a uma unidade, condensados numa imagem autocontida e acabada. E é o autor-criador – materializado como certa posição axiológica frente a uma certa realidade vivida

e valorada – que realiza essa transposição de um plano de valores para outro plano de valores, organizando um novo mundo por assim dizer) e sustentado essa nova unidade (Faraco, 2020, p. 39).

O evento está diretamente ligado ao plano histórico concreto e não é possível falar de um evento desconsiderando tal fator fundamental. Contudo, o objeto estético é fruto de um processo de transposição e refração (Faraco, 2020) da vida para a arte. Não só o objeto estético é uma refração, mas, a posição do autor também:

O autor-criador é [...] uma posição refratada e refratante. Refratada porque se trata de uma posição axiológica conforme recortada pelo viés valorativo do autor-pessoa; e refratante porque é a partir dela que se recorta e se reordena esteticamente os eventos da vida (Faraco, 2020, p. 39).

A tentação é uma reordenação que visa não apenas responder às questões levantadas comunitariamente, mas, traz à tona uma polêmica, que não só é evidenciada, mas, e principalmente, é interpretada. Assim, o messianismo judaico é ressignificado, apresentando uma nova concepção de vida, e consequentemente de esperança.

4. Os Posicionamentos Polêmicos

Na primeira interação, o Diabo pede um sinal a Jesus, isto é, que ele transforme pedras em pães. O sinal evidenciaria a sua capacidade taumatúrgica e facilitaria a sua caminhada. Afinal, como pode o Messias passar fome? Jesus rejeita essa proposta e o Diabo parte para a sua segunda tentativa, tentativa essa que focaremos. Inicialmente, apresentaremos o texto grego e a nossa proposta de tradução (Quadro 1).

Quadro 1 - Tradução do texto grego Mateus 4:5-7

Texto grego	Tradução
5 Τότε παραλαμβάνει ¹⁴ αὐτὸν ὁ διάβολος ¹⁵ εἰς τὴν ἁγίαν πόλιν καὶ ἔστησεν αὐτὸν ἐπὶ τὸ πτερύγιον τοῦ ἱεροῦ	Então, tomou-o para junto de si o Diabo para a Santa¹⁶ Cidade e o colocou sobre o ponto mais alto do Templo¹⁷.*
6 καὶ λέγει αὐτῷ· εἰ υἱὸς εἶ τοῦ θεοῦ, βάλε σεαυτὸν κάτω· γέγραπται γὰρ ὅτι τοῖς ἀγγέλοις αὐτοῦ ἐντελεῖται περὶ σοῦ καὶ ἐπὶ χειρῶν ἀροῦσίν σε, μήποτε προσκόψῃς πρὸς λίθον τὸν πόδα σου.	E disse para ele: se Filho és de Deus, lança-te a ti mesmo abaixo, pois está escrito: Aos seus anjos dará ordem a respeito de ti, e te elevarão nas mãos para que não bata contra as pedras¹⁸ os teus pés.
7 ἔφη αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς· ἄλιν γέγραπται· οὐκ ἐκπειράσεις κύριον τὸν θεόν σου.	Respondeu Jesus: Novamente, está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus¹⁹.

Fonte: Nestle-Aland (2012, tradução nossa).

Após ter a sua primeira proposta rejeitada (vers.4), o Diabo leva Jesus para a Santa Cidade e o coloca no ponto mais alto do templo. O autor-criador, ao empregar ἁγίαν πόλιν (Santa Cidade) pode estar indicando duas coisas. A primeira, substituir o topônimo Ἱερουσαλήμ (Jerusalém) por πόλις (cidade) pode indicar que a tentação ocorre em qualquer lugar,

¹⁴ Presente Indicativo Ativo do verbo παραλαμβάνω (levar).

¹⁵ * Caluniador; difamador. O termo tem sua origem na junção da preposição διὰ (através de) e o verbo βάλλω (lançar) (Strong, 1996, p 1225). Pode ser empregado às pessoas consideradas opositoras de Deus

¹⁶ O termo grego é ἅγιος. (sagrado; santo).

¹⁷ * Lugar sagrado ἱερόν. No Novo Testamento (Bíblia cristã) o termo aparece referindo-se ao Templo de Jerusalém, no entanto, também aparece referindo-se ao Templo da deusa Ártemis (Atos 19:27). O Templo de Jerusalém não era apenas um prédio, mas, toda uma área considerada sagrada.

¹⁸ Salmo 91, escrito originalmente em hebraico. No entanto, não é citado o texto hebraico, mas a *Septuaginta*, versão grega da Bíblia Hebraica também conhecida como LXX.

¹⁹ Deuteronomio 6:16. A *Septuaginta* novamente é citada, o que mostra que mesmo existindo uma influência significativa do hebraico nos textos do Novo Testamento, a versão grega da Bíblia Hebraica era o texto utilizado pelos primeiros cristãos.

não há demarcações. Porém, o adjetivo ἅγιος dá peso à narrativa e essa é a segunda possibilidade de indicação: o autor-criador enfatiza que o Diabo leva Jesus para um lugar santo, sagrado, o que pode causar estranheza, afinal, o Diabo tem livre acesso a esse lugar. Não apenas isso, o Diabo tem acesso ao principal símbolo da religião judaica, o Templo (ἱερόν).

O Templo é um lugar icônico, sendo que, o substantivo ἱερόν pode ser traduzido como “lugar sagrado”. Ao longo do Evangelho diversos eventos em que ocorre algum embate de Jesus no Templo são narrados. Esses embates revelam os inimigos de Jesus em Mateus e, conseqüentemente, o posicionamento do autor-criador. O autor-criador aproxima retoricamente a figura do Diabo à figura dos líderes judaicos, em especial, os fariseus. O autor enfatiza que o Diabo não apenas tem livre acesso a Jerusalém e ao Templo, mas tem poder de colocar quem quiser no topo do sagrado (πτερύγιον τοῦ ἱεροῦ). O Diabo é uma personagem que veicula o discurso do judaísmo formativo, inimigos da comunidade mateana. Nesse evento polêmico literário, o primeiro posicionamento é evidenciado: o posicionamento do Diabo, personagem que representa o judaísmo formativo.

Na interação, as Escrituras são o objeto de valor que está em disputa. O Diabo, ao tentar Jesus, cita o Salmo 91:11-12, escrito originalmente em hebraico. A personagem propõe que Jesus pule do ponto mais alto do templo, pois certamente Deus o salvaria. É evidente que ele aponta para um privilégio que é direito de Jesus, porém, veladamente o autor-criador, responsável pela construção do evento polêmico literário, denuncia que os líderes judeus possuíam privilégios. Jesus, responde a proposta citando outro livro, o Deuteronômio: “não tentarás o Senhor, teu Deus” (Dt 6:16).

A citação de Jesus aponta para dois equívocos da personagem Diabo: a missão de Jesus e a interpretação das escrituras. O autor-criador aprofunda o seu posicionamento: Jesus é aquele que interpreta as Escrituras corretamente e o Diabo as distorce. Sendo o Diabo o veiculador do discurso do judaísmo formativo, o autor-criador denuncia os equívocos hermenêuticos dos líderes desse movimento e defende Jesus como o verdadeiro intérprete. Logo, Jesus é a personagem que veicula o discurso da comunidade de Mateus. Comunidade essa que para o autor-criador, defende a verdadeira interpretação das Escrituras.

Na resposta de Jesus há um posicionamento que apresenta no seu argumento um valor, e assim, um posicionamento contrário, isto é, polêmico, é constituído (Silva, 2023). A polêmica aberta ocorre entre as personagens

e a velada ocorre entre os campos discursivos representados por cada uma delas. Por ser um desacordo profundo de valores, a polêmica é constituída no processo argumentativo, no antagonismo marcado pela resposta de Jesus. Nesse evento polêmico contruído discursivamente pelo autor-criador há, para além da própria refração, atos polêmicos, isto é, as escolhas lexicais, sintáticas e, não menos importantes, a construção argumentativa. Nessa segunda interação não apenas a identidade de Jesus é questionada (se Filho é de Deus), mas “é plausível abordarmos a polêmica velada e aberta na segunda interação considerando o argumento de reciprocidade” (Silva, 2023, p. 122).

O argumento de reciprocidade visa “aplicar o mesmo tratamento a duas situações correspondentes” (Olbrechts-Tyteca; Perelman, 2014, p. 250). Quem estiver no topo do sagrado merece privilégios. Se Jesus lá foi colocado, nada o atingiria. Esses posicionamentos constituem atos polêmicos, não apenas das personagens, mas, sobretudo, do autor que argumenta visando a comunidade.

Considerações Finais

A proposta de um evento polêmico literário visa contribuir não apenas com a aplicação da Análise Dialógica da Argumentação como método de interpretação bíblica, mas com a análise de textos literários e os discursos veiculados pelas personagens. O evento da tentação materializado em Mateus pode ser abordado como um evento polêmico literário caracterizado pela alternância dos sujeitos do discurso (relação autor-comunidade), *conclusibilidade* e atos polêmicos. Três são as interações entre as personagens, sendo que, neste artigo, centralizamos a segunda. Cada uma das personagens veicula um discurso, Jesus veicula o discurso da comunidade de Mateus e o Diabo veicula o discurso do judaísmo formativo.

Dessa forma, a proposta evidencia a possibilidade de delimitarmos eventos ao longo da obra, analisarmos como os campos discursivos são representados por cada personagem e os valores amados e odiados. O autor-criador é uma figura central, responsável pela construção do mundo axiológico em que as personagens caminham e pela mudança que resulta na revelação da identidade do herói e a polêmica geradora da obra.

Referências

ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. *Exegese do Novo Testamento: um guia básico para o estudo do texto bíblico*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. *Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.

CARNEIRO, Marcelo. *Os Evangelhos Sinóticos: origem, memória e identidade*. São Paulo: Fonte Editorial, Terceira Via, 2016.

FARACO, Carlos Alberto. *Autor e autoria*. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2020.

FINDELSTEIN, Israel. *O reino esquecido: arqueologia e história de Israel Norte*. São Paulo: Paulus, 2015.

FIORIN, José Luiz. *O romance e a simulação do funcionamento real do discurso*. In: BETH, Brait. *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

_____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

GUNNEWEG, Antonius H. J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica*. São Paulo: Loyola, 2005.

HOLLADAY, William L. *Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

JOSEFO, Flavio. *Antigüedades de los judíos*. EPub r1.0. Titivillus, 2017.

KELLEY, Page. *Hebraico bíblico: uma gramática introdutória*. Tradução: Marie Ann Wangen Krahn. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

LAMADRI, Antonio González. *As tradições históricas de Israel: introdução à história do Antigo Testamento*. Tradução: José Maria de Almeida. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MACHADO, Irene. *Gêneros discursivos*. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2020.

MARTINS, Jaziel Guerreiro. *A origem da ideia sobre o diabo: influência do mazdeísmo persa no judaísmo posterior*. In: LELLIS, Nelson (org.). *Israel no período persa: a (re)construção (teológica) da comunidade judaíta e outros ensaios*. São Paulo: Loyola, 2018.

NASCIMENTO, Lucas Silva. *Análise dialógica da argumentação: a polêmica entre afetivossexuais reformistas e cristãos tradicionalistas no espaço político*. 2018. 557f. (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018a.

_____. *Análise dialógica da argumentação polêmica: uma hipótese geral*. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 151-169, jan-abr/2018b.

_____. (2019). *A criminalização da homofobia como evento polêmico: o dissenso entre LGBTs e cristãos*. *Revista Científica Do Curso De Direito*, (3), 06-25. Doi: <https://doi.org/10.22481/rccd.v0i3.6063>

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). *Linguagem da religião: desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. (org.). *Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares*. São Paulo: Paulus, 2015.

- _____. *Narrativa e cultura popular no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulus, 2018.
- _____. Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. *Horizonte*, Belo Horizonte, vol.14, n. 42, abr./jun. 2016, p. 240-261.
- NOVUM Testamentum Graece, Nestle-Aland (NA28). 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- OVERMAN, J. Andrew. *O evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus*. Tradução: Cecília Camargo Bartalotti. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2020.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica*. 3. Ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- SILVA, Fagner Carvalho. *Uma análise dialógica da argumentação na tentação de Jesus em Mateus 4:1-11*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2023.
- STRONG, James. *The Exhaustive Concordance of the Bible: Showing Every Word of the Text of the Common English Version of the Canonical Books, and Every Occurrence of Each Word in Regular Order*. electronic ed. Ontario: Woodside Bible Fellowship., 1996.
- SWETNAM, James. *Gramática do Novo Testamento*. Tradução: Henrique Muracho, Juvino A. Maria Jr., Paulo Bazaglia. São Paulo: Paulus, 2002.
- THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. 2015.
- VERMES, Geza. *Jesus e o mundo do judaísmo*. São Paulo: Loyola, 2015.
- VANHOOZER, Kevin J. *Há um significado neste texto? Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos*. Tradução Álvaro Hattner. São Paulo: Editora Vida, 2005.
- ZABATIERO, Júlio. *Manual de Exegese*. São Paulo: Hagnos, 2007.

Submetido em: 4/7/2024

Aceito em: 8/10/2024